

Morro, logo crio - O cógito de Torquato Neto

Antonio Quinet

Cogito cartesiano: Penso logo existo

Cogito freudiano: Desejo logo existo

Cogito torquatiano: Morro logo existo

Cogito artístico: Morro logo crio

A morte: condição da vida

Nossa mortalidade – rechaçada, esquecida, denegrada – está presente em toda obra de Torquato Neto, artista que se matou no dia de seu aniversário fazendo da linha da vida um círculo que se fecha colocando o ponto final no seu início.

Torquato não é só o poeta da morte mas também o poeta da existência. Esse existir se conjuga no tempo da finitude. Mas a morte nos é velada: esquecemos que nascemos marcados pra morrer. Torquato não esquece: *a viagem de volta está marcada na palma da mão*. A morte em *adágio cantabile* comparece obstinadamente em suas poesias e suas letras de música. Moto contínuo é a morte como namorada que o seduz e o atrai: ela é Coisalinda cuja *mão gelada toca bem de leve em mim*. Se toda palavra pode ser a última, Torquato

Cogito

Eu sou como eu sou
pronome
pessoal intransfiriível do
homem que iniciei na medida do
impossível
[...]
Eu sou como eu sou
Vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.

escrevia para dizer adeus. Seu cotidiano era ao mesmo tempo uma vitória da vida e uma ameaça de morte: todo dia é dia D. O anjo torto do apocalipse termina por definir a morte como bela e serenas vivendo tranquilamente todas as horas do fim.

Sua trajetória trágica é um emblema da própria vida que tem a morte não como fim mas como condição de estar vivo. A morte não é o outro lado da vida, mas faz parte dela. *Viver é verbo transitório*. E por isso mesmo deve ser *transável conforme for possível*.

A transformação da morte em arte

Sua *transa* foi *desafinar o coro dos contentes* com as palavras como armas. Esse é o tema de ArTorquato. Em nossa versão da obra-vida de Torquato Neto, na peça *ArTorquato* o protagonista é o poeta da *tropical melancolia*, fatalmente atraído pela morte que – apesar de seu intenso convívio social como poeta, letrista, jornalista e produtor cultural – mergulha repetidamente em sua negra solidão. Sua luta contra a morte é feita através da arte da poesia. Esta é representada pelo personagem do Anjo torto, que quando nasceu veio ler a sua mão e lá viu a morte e a arte lhe conferindo a missão de contestar as convenções estabelecidas.

O ser humano, como nos ensinou Freud, guarda em si as pulsões de vida (Eros) e a pulsão de morte (Tânatos). Qual a função de

DIA D

Todo dia é dia dela
 Pode não ser pode ser
 Abra a porta e a janela
 Todo dia é dia D

Há urubus no telhado
 E a carne é servida
 Um escorpião encravado
 Na sua própria ferida
 Não escapa, só escapo
 Pela porta da saída
 Todo dia é o mesmo dia
 De amar-te, amorte, morrer
 Todo dia é menos dia
 Mais dia é dia D.

sua arte? Toda criação artística é um meio de alcançar uma satisfação erótica, porém afastada de seu objetivo sexual direto. É o que Freud chamou de sublimação: o amor erótico transformado em arte. Mas ela é também sublimação da pulsão de morte. A morte como figura do nada, do não-ser e da incompletude está presente em tudo o que é efetivamente novo, original e criativo. É a morte transformada em arte. A obra de arte brota da morte daquilo que já existe. Para criar é preciso simbolicamente morrer ou fazer morrer o que já está aí no presente da existência. Toda criação para ser efetivamente *poesis* tem que partir do zero para ser novo, original e não uma repetição ou cópia modificada daquilo que já existe é ex-nihilo (do nada). A pulsão de morte, como diz Lacan, põe em causa tudo o que existe; ela não é só destruição, ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar. Não há metamorfose sem alguma morte, sem uma descida ao Hades – o reino dos mortos na mitologia grega – e uma posterior subida de volta dos Infernos. A arte é um renascimento, é passar do *mesmo* ao *outro*, é perder o mundo e voltar a ganhá-lo. Torquato em seus escritos nos remete a essa descida. E ao subir de seu inferno não faz poesia. Esta não se reduz absolutamente a um epitáfio antecipado. Lá se encontra também sua louvação da *vida pra ser melhor, da paz para haver e do amor que espanta a guerra* escrito por aquele que disse: *só quero saber o que pode dar certo*.

LET'S PLAY THAT

Quando eu nasci
 Um anjo louco muito louco
 Veio ler a minha mão
 Não era um anjo barroco
 Era um anjo muito louco, torto
 Com asas de avião
 Eis que esse anjo me disse
 Apertando a minha mão
 Com um sorriso entre dentes
 Vai bicho desafinar
 O coro dos contentes.

O equilíbrio entre o desejo de viver (pela arte) e o desejo de morrer é rompido quando seu repertório entra em falência. Decide então sair da vida. Foi quando o *cacho de bananas caiu*.

Desafinando o coro dos contentes

Poeta e ideólogo do tropicalismo, Torquato na *geléia geral brasileira* plantou sua coluna jornalística lá onde faltava a medula e o osso (expressão de Décio Pignatari). Encarnando em si mesmo a pulsão de morte ele fez de sua vida-obra o emblema da destruição do sonho tropicalista e revolucionário dos anos 60. Torquato passou da antropofagia oswaldiana própria à tropicália à autofagia como um *escorpião encravado na própria ferida*. E desafinou o coro dos preconceitos, dos valores convencionais e da ditadura militar. Com sua própria destruição revelava a destruição à sua volta. Mas Torquato não foi um suicidado da sociedade brasileira dos anos de chumbo. Não podemos destituir sua decisão *pessoal e intransferível* daquele que escreveu *Para mim chega!*

A percepção da morte a cada instante fez de Torquato Neto o homem do agora, do presente, sem antes nem depois, *sem grandes segredos dantes, sem novos secretos dentes*. Homem desta hora, Torquato foi um artista de seu tempo, o arauto das vanguardas, o profeta das trevas e do fim do (terceiro) mundo

NOITE ESCURA

Tenho uma noite em mim tão
escura
Que nela me confundo e paro
E em adágio cantábile
pronuncio
As palavras da nênia ao meu
defunto
Me reconheço nele e me
apavoro
Ali me enxergo, à força no
caixão do mundo
Sem arabescos e sem flores
Isso não é viável!

e também o mensageiro de todo bom ar que começava a soprar. De alto do palanque de sua coluna no jornal, Torquato atacou com sua metralhadora de letras a convivência com um sistema que suspendia as liberdades democráticas.

Desafinando o coro dos contentes com o *status quo*, Torquato com sua arte não só abalou as estruturas junto com os tropicalistas como também denunciou a melancolia e a solidão do artista asfixiado no terceiro mundo. E também apontou as saídas. Mostrou as brechas da realidade, a necessidade de se ocupar lugares e de não se deparar em nada. Torquato continua hoje a contribuir com sua arte para desintoxicar, sacudir o pó e quebrar o gesso do conformismo e da apatia.

Retomar a obra de Torquato Neto hoje é apostar na arte em sua radicalidade poética como meio de transformação da realidade. As dicas de Torquato permanecem atuais, dos anos 70 para hoje, pois a ditadura militar desembocou na ditadura do capitalismo, a submissão aos EEUU como subserviência ao capital estrangeiro tão difícil de ser largada pela direita conservadora até hoje, e passamos da cultura de massas à mediocrização global da cultura. A geleia se generalizou.

O inconsciente

Torquato é o poeta do Inconsciente que reencontra as ligações secretas e perdidas entre as palavras e as coisas. Com sua ousadia

ASFIXIA NO BRASIL

Vejam na música. O que asfixia a música popular brasileira? O medo? A indústria? O clima. Liguem o rádio e scutem o que está sendo estimulado: vãos rasteiros, repetição e retardamento geral, mediocridade e medo de criar. A regra geral da asfixia continua firme nas rádios e nas gravadoras, na divulgação da transa. E esse meu papo mixuruca é só pra isso mesmo: chamar atenção para um certo bom vento (ar, maia ar), que – reparem – começa a soprar. Vamos respirar.

faz explodir a linguagem no *caos tenebroso da semântica*. Destrói a linguagem para recriá-la e, do sem sentido, faz surgir novas significações revelando assim as brechas da realidade que ele nos incita a encontrar. Com seu texto poético Torquato mostra o quanto a “arte é o retorno da imaginação à realidade” (Freud).

Oscilando entre a fé e a descrença nas palavras, Torquato as manipulou, brincou e jogou tanto com elas até que as quebrou atingindo a fragmentação de estilo concretista. A poesia foi seu arsenal anti-asfixia. Este poeta trágico da desmedida, utilizava no jornal sua escrita – veemente, exasperada e por vezes agressiva – em linguagem ora poética ora cifrada para revelar acontecimentos políticos e anunciar eventos culturais para driblar a censura da época.

A obra de Torquato Neto nos mostra como a realidade psíquica está em continuidade com a realidade externa. O lado de fora é igual ao lado de dentro – eis o que Torquato nos ensina com seu Inconsciente a céu aberto. Para demonstrar a continuidade do Inconsciente com o consciente através da linguagem (pois o Inconsciente aparece nas palavras como nos lapsos, nos relatos dos sonhos, chistes, poesia, etc.) Lacan utilizou a figura topológica da *banda de Moëbius*, que é uma fita de um lado só. Esse objeto que não tem dentro nem fora foi apropriado no âmbito das artes por Lygia Clark e Hélio Oiticica na época do Torquato. Ao escrever sobre a morte,

ARENA A = FESTIVAIA-GB

Sou solista com alaúde e fogo

eu sou terrível

tível

eu sou horrível

ao nível! sim

eu sou incrível! &

cravo! e-u

sou o fim da picada

(alô moçada)

do outro lado da corda

qualquer plateia me aguarda

[...]

desafinar

principalmente os

dentes

pen/DURADOS

aferrollharr o corpo do

indecente

a FERRO olhar

&

Arrebentar

Principalmente o deste

(Amor)

o dente

MAL

Sangrado, sim & sim.

Torquato fala ao mesmo tempo de si e do mundo, dando corpo e voz à destruição provocada pela ditadura militar.

Nostorquato

Apesar do álcool e das drogas, Torquato, parece sempre ter mantido a lucidez procurando voluntariamente as internações em instituição psiquiátrica. Trata-se da lucidez do homem poeta iluminado pelo sol negro da melancolia que vê a tragédia da humanidade sem disfarces. E apesar disso ou por isso mesmo consegue falar dela transformando o horror em poesia, desvelando a íntima conexão da pulsão de morte com a criação.

O que ele via e sentia era a guerra entre Eros e Tânatos que acontecia tanto fora quanto dentro de si mesmo. E acaba encarnando essa dualidade na figura de um morto-vivo ao protagonizar o filme *Nosferato* de Ivan Cardoso. Dualidade presente em cada um de nós. “Somos todos Nostorquato” (Haroldo de Campos).

AGORA NÃO SE FALA MAIS

Agora não se fala mais
toda palavra guarda uma
cilada
e qualquer gesto é o fim
do seu início;
os pássaros de sempre
cantam
nos hospícios
cada louco é um exército.